



**A NORMALISTA: UMA ABORDAGEM DE CUNHO NATURALISTA DA  
SOCIEDADE FORTALEZENSE DO SÉCULO XIX**

**Data de recebimento: 08/03/2017**

**Aceite: 12/05/2017**

**Alessandra da Costa CARVALHO (UEPA)<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho teve a pretensão de investigar a obra *A Normalista* de Adolfo Caminha com base nos aspectos pertencentes à estética naturalista, identificando por meio das descrições da cidade e dos personagens principais as críticas do autor. Além destes, analisou-se se o contexto histórico e social da época e a biografia de Adolfo Caminha influenciaram na narrativa. Na obra, Caminha lança mão da crítica social à sociedade fortalezense da época no século XIX, com o intuito de desmascará-la, mostrando suas podridões e questionando seus aspectos provinciais.

**Palavras-chave:** *A Normalista*. Naturalismo. Regionalismo. Sociedade fortalezense.

**Abstract:** The present article had the intention to investigate the work "A Normalista" of Adolfo Caminha based on aspects pertaining to naturalistic esthetics, identifying through the descriptions of the city and the main characters the criticisms of the author. In addition, it was analyzed if the historical and social context of the time and the biography of Adolfo Caminha influenced the narrative. In the work, uses social critique to society of Fortaleza of the time in Century XIX, in order to unmask it, showing its rot and questioning its provincial aspects.

**Keywords:** *A Normalista*. Naturalism. Regionalism. Fortaleza society.

## **I. Introdução**

No presente artigo será feita uma abordagem histórica acerca do estilo literário Realismo/Naturalismo e sua influência na literatura; em seguida, apresentar-se-á informações sobre a vida de Adolfo Caminha e sua obra *A Normalista*, a qual será o objeto de análise deste trabalho. A análise tem como objetivo identificar, por meio dos traços dos personagens principais e pela descrição da cidade, as críticas do autor direcionadas às questões comportamentais, divisão de níveis sociais e, principalmente, à mentalidade preconceituosa das pessoas que viviam na sociedade fortalezense dos anos 80.

Na segunda metade do século XIX a Europa passou por alterações nas questões econômicas, modificando o processo de produção e substituindo o trabalho braçal por máquinas. Neste momento, iniciou-se o progresso, evidenciado pelo crescimento das cidades, instalação de novas fábricas e utilização de fontes de energia. A sociedade dividiu-se em duas. De um lado, a burguesia fortalecia seu poder por meio da expansão capitalista; de outro, crescia os bairros pobres onde residia o operariado, os quais manifestavam sua insatisfação,



promovendo as primeiras greves e a criação de sindicatos. No Brasil, tal período marcava a crise econômica, por conta do declínio da monarquia; a abolição da escravatura e a instauração da República, influenciado pelo positivismo.

O desenvolvimento também atingiu o campo da ciência, pois esta necessitava de novos métodos e organização para servir ao progresso tecnológico; conseqüentemente, o materialismo e o racionalismo tornaram-se princípios fortes, com isso, o método científico passou a ser o meio de análise e compreensão da realidade, utilizando teorias que serviram de influência à literatura da época. Tais teorias centravam-se numa análise experimental da sociedade. Eram elas: a Teoria Determinista de Taine (1825-1893) preconiza que o comportamento humano é determinado pela hereditariedade, pelo meio e pela circunstância; a teoria Evolucionista de Charles Darwin (1809-1882), a qual defende a tese de que os mais fortes sobrevivem, a partir de um processo de seleção natural; a Filosofia Positivista de Augusto Comte (1789-1857) defende que as únicas maneiras para adquirir o conhecimento são a observação, a experimentação e a comparação.

A literatura também passou por mudanças, deixou de lado a fantasia e a imaginação e passou a encarar objetivamente a realidade. À medida que o Romantismo foi acentuando a análise das contradições da sociedade burguesa, por meio da poesia condoreira de Castro Alves, propuseram-se transformações revolucionárias ao mundo. Conforme Moisés (2001), o romantismo deixou, nesta última geração, de ser egocêntrico e passou a ser altruísta. Logo, a partir das mudanças ocorridas na sociedade, a técnica literária - que tem como característica surpreender e encantar - necessitou ser revitalizada também, tais questões caracterizaram o estilo literário denominado Realismo. Neste estilo, o homem passa a ser crítico, buscando a democratização da sociedade. Ao invés de fugir da realidade, planejar um mundo ideal e desejar a morte como solução; os autores realistas pretendiam analisar e criticar a realidade com a finalidade de compreender seus contrastes para interferir e modificá-la. A palavra análise nesse estilo acarreta uma postura racional, reflexiva e objetiva diante do sujeito analisado.

## II. A ficção Naturalista

No fim do século XIX, a partir dos estudos feitos por Karl Marx sobre uma análise longa da burguesia e as mudanças ocasionadas pelo capitalismo, a estética Realista desenvolveu-se passando a ser chamada de Naturalismo. Antônio Cândido define Naturalismo como “o tipo de realismo que procura explicar cientificamente a conduta e o modo de ser dos



personagens por meio de fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana.” (1974, p. 95). A literatura naturalista, intitulada de romance experimental ou ficção realista, baseava suas observações em estudos de cunho científico e filosófico, a partir das teorias experimentais e comportamentais de Taine, Darwin e Comte.

O Realismo e o Naturalismo, apesar de complementares, apresentam diferenças, as quais são constatadas ao focalizar o objeto de análise na prosa realista. O objetivo do naturalismo era substituir o homem incompreensível pelo homem natural, sujeito a leis físicas e provar que o meio é determinante em suas atitudes. “Interessavam-lhe os fatos, concretos, “positivos”, suscetíveis de análise e experimentação, de forma que com base no bom senso, se procurasse saber não o “porquê”, ou o “quê”, ou “para quê”, mas o “como” dos fenômenos reais.” (MOISÉS, 2001. p. 14). Enquanto o realismo faz uma análise psicológica e individual das personagens, o naturalismo faz análise de um coletivo com características comuns, como por exemplo, patologias, vícios, anormalidades, entre outros fatores.

“A ênfase no homem natural, ou seja, no homem entendido como produto de leis naturais – especialmente biológicas – é a principal característica do Naturalismo, espécie de “exagero” do Realismo na medida em que significa o tipo de realismo que procura explicar cientificamente o modo de ser das personagens por meio de fatores externos, de natureza biológica e sociológica, que condicionam a vida humana. Os seres aparecem, então, como produtos, como consequências de forças pré-existentes, que limitam a sua responsabilidade e os tornam, nos casos extremos, verdadeiros joguetes das condições. (CÂNDIDO; CASTELO, 1974).”.

Segundo Coutinho (2004), os principais representantes do Naturalismo no Brasil foram quatro: Adolfo Caminha, junto com Aluísio Azevedo, Inglês de Souza e Júlio Ribeiro. Eles não foram tão críticos e irônicos como Eça de Queirós foi com a sociedade portuguesa, ressalta o autor, contudo souberam ser minuciosos ao analisar a sociedade burguesa brasileira e conseguiram retratar as características precisamente.

### III. Autor e Obra



Adolfo Ferreira dos Santos Caminha foi o último autor brasileiro, cronologicamente, a escrever obras de caráter naturalista. Usava como pseudônimo o nome Félix Guanabario. Ele nasceu no dia 29 de maio de 1867 em Aracati, cidade do estado do Ceará; debilitado por conta da tuberculose, faleceu aos 29 anos, no dia 1 de janeiro em 1897 no estado do Rio de Janeiro. Estudou na escola naval do Rio de Janeiro, onde apresentou suas primeiras atitudes rebeldes. Por exemplo, por volta dos seus 17 anos, ele fez uma homenagem póstuma a Vitor Hugo, na presença de D. Pedro II, defendendo os valores republicanos e a abolição. Formou-se aos 18 anos, tornando-se guarda-marinha.

Em 1888, Caminha retornou à Fortaleza como oficial. Ele tinha todos os requisitos para destacar-se na sociedade cearense; entretanto, ao envolver-se com uma senhora comprometida (Isabel de Paula Barros), a vida do autor tornou-se um rebuliço, sendo ele julgado e criticado pela sociedade cearense. Após a proclamação da República no país, ele foi convidado para ser um dos oradores da festa de seu estado, que segundo Azevedo (1999), foi por causa de sua defesa a esta forma de governo. “E, diante de um auditório hostil, seu discurso arranca estrondosos aplausos daquela mesma sociedade que o segregara.” (AZEVEDO, 1999. p.11). Passada a ocasião, ele abriu mão do seu cargo da Marinha por não poder deixar sua amada em Fortaleza e partir para a Europa e passou ao cargo de funcionário público.

A partir daí ele passou a publicar obras e críticas em revistas, sendo uma dessas obras *A normalista* publicada em 1893, a qual reflete suas insatisfações com a sociedade cearense do século XIX. Por meio da história e das descrições atribuídas a cada personagem será possível identificar partes da vida do autor e notar, a partir do seu ponto de vista, todas as baixezas e podridões morais presentes na sociedade nessa época. Afrânio Coutinho notabiliza que “*A normalista*, conforme já se acentuou, trai o acre sabor da revolta: revolta do homem contra o meio que o desagrada e hostiliza.”. (p. 86). Tal obra classifica-se como naturalista e regionalista e marca o lançamento do autor nesta estética.

“O naturalismo consubstanciava uma reação social com seus ataques a instituições e figuras, a usos e costumes. Daí o seu feitio polêmico, que o distingue do Realismo (...) tomava uma atitude de luta aberta, denunciando aquilo, que na sociedade do tempo, reclama reforma ou destruição.”. (COUTINHO, 2004. p. 73)

A história narra a vida de Maria do Carmo, moça simples oriunda do interior nordestino, que perdeu a mãe quando criança por causa da seca. Em seguida, perdeu contato com o pai, o



qual pretendeu ir à busca de uma vida melhor, entregando-a para seu padrinho, João da Mata, o qual tinha condições melhores do que o pai para criá-la, podendo proporcionar um bom estudo.

O padrinho é encantado por Maria, demonstrava um amor incondicional por ela, sentimento esse que se confundia com o amor de pai; mas ao longo do desenvolvimento dela para a vida adulta, ele deixou de vê-la como a “afilhadinha” e passou a enxergá-la como mulher, desejando-a. Ela era muito apegada a ele, tinha-o como pai, sempre muito obediente e grata pelos cuidados para com ela. Mas tal gratidão a aprisionava a ele, pois muitas vezes ela pensava em fugir.

Sua vida é, digamos que, normal. Ela tem uma amiga chamada Lídia, muito diferente dela, Lídia é bastante perspicaz; também tem um pretendente, chamado Zuza, que é de uma classe social elevada e apresenta vários atributos que transformariam a vida da jovem. Entretanto, o padrinho por ser apaixonado por Maria, não aceita que ela goste de alguém e reprova tal romance, até que o rapaz vai embora e ela fica desolada, a ponto de permitir que o padrinho aproveite-se dela, engravidando-a.

#### IV. Análise da obra

Diante da leitura da obra em questão será feita uma análise em trechos do livro, baseada nos aspectos naturalistas, seja nas descrições dos personagens principais (Maria do Carmo e João da Mata) ou no cenário apresentado, sendo este, a sociedade da cidade de Fortaleza nos anos 80.

“João da Mata era um sujeito esgrouvinhado, esguio e alto, carão magro de tísico, com uma cor hepática denunciando vícios de sangue, pouco cabelo, óculos escuros através dos quais buliam dois olhos miúdos e vesgos. Usava pêra e bigode ralo caindo sobre os beiços tesos como fios de arame; a testa ampla confundia-se com a meia calva reluzente. Falava depressa, com um sotaque abemolado, gesticulando bruscamente, e, quando ria, punha em evidência a medonha dentuça postiça.” (CAMINHA, 2001, p. 13)

Esse trecho apresenta muitas características naturalistas. A descrição minuciosa do personagem com uma linguagem direta e simples vai criando características próprias ao João



da Mata, as quais possibilitam imaginar a forma real dele, como um esboço de desenho, por exemplo.

João da Mata sentia-se dono de Maria do Carmo, por ser seu único guardião e responsável. E ao perceber a aproximação de Zuza para com a afilhada, passou a revelar seu temperamento agressivo, causado pelos ciúmes.

“Não era precisamente receio de que o Zuza pudesse iludir a rapariga desonrando-a e atirando-a por aí ao desprezo; era como revolta do instinto, uma espécie de egoísmo animal que o torturava, acendendo-lhe todas as cóleras, dominando-o, como se Maria fosse propriedade sua, exclusivamente sua por direito inalienável.” (CAMINHA, 2001, p. 20)

Neste trecho, nota-se mais uma vez uma característica do caráter de João da Mata. Ele fica agressivo, como um predador que está prestes a perder sua presa. Imagina que se ela entregar-se ao Zuza, ele perderá as carícias, os beijos e os abraços que recebe. Ou seja, além de agir como um animal que reage de acordo com seus instintos, algo bem típico no naturalismo, ele também é egoísta, pois pensa somente nele, que será deixado de lado. Não leva em conta o que Maria sentirá e nem se ela sente o mesmo que ele por ela. Trata-se somente de desejos sexuais. Com isso, é possível depreender da descrição de suas atitudes, traços de sua personalidade: ele era um homem libertino e asqueroso.

Uma das principais teorias da estética naturalista é o determinismo de Taine, o qual prega que as influências do meio mudam o comportamento humano. Pode-se confirmar tal princípio comparando dois trechos do livro, os quais descrevem Maria do Carmo aluna da Imaculada Conceição e, outro, descrevendo-a como aluna da escola Normal.

“Já não era, que esperança! aquela Maria do Carmo da Imaculada Conceição, toda santidade, magrinha, com uma cor esbranquiçada e mórbida de cera velha, o olhar macilento, a falar sempre no padre Reitor e na Superiora e na Irmã Filomena e noutras pieguices. Uma tontinha a Maria naquele tempo. Quando ia passar o domingo em casa, uma vez no mês, metia-se para os fundos do quintal ou pelas camarinhas, muito calada, muito sonsa, a ler a Imitação; não chegava à janela, não aparecia às visitas, doida por voltar ao colégio.” (CAMINHA, 2001, p. 20)



“Havia meses que Maria do Carmo cursava a Escola Normal. Sua vida traduzia-se em ler romances que pedia emprestados a Lídia, toda preocupada com bailes, passeios, modas e tutti quanti... Ia à Escola todos os dias vestidinha com simplicidade, muito limpa, mangas curtas evidenciando o meio-braço moreno e roliço, em cabelo, o guarda-sol de seda na mão, por ali afora toque, toque, toque até à Praça do Patrocínio, como uma grande senhora independente.” (CAMINHA, 2001, p. 23)

Por meio dos excertos, constatam-se as mudanças ocorridas com Maria do Carmo. Quando estudava na Imaculada Conceição, já era quase uma santa, prendia-se a livros bíblicos e não apresentava interesse algum na vida social. Em contrapartida, como aluna da escola normal, apresentam-se diversas mudanças. Deixa de ser uma menina sem expressão e passa a ser uma mulher com o corpo desenvolvido, invejada pelas colegas de escola e desejada pelos rapazes da cidade. Tornou-se vaidosa, interessada por moda, bailes, passeios e outras atividades sociais. Até mesmo sua leitura foi influenciada, antes lia texto devocional composto por orações; passou a ler romances, conseqüentemente, passando a idealizar estilos de vida e relacionamentos, por exemplo.

O autor, por meio das falas de João da Mata, deprecia as escolas da sociedade cearense. É um exemplo de uma das críticas a tal sociedade.

“O diabo é que no Ceará não havia colégios sérios. A instrução pública estava reduzida a meia dúzia de conventilhos: uma calamidade pior que a seca. O menino ou menina saía da escola sabendo menos que dantes e mais instruído em hábitos vergonhosos. As melhores famílias sacudiam as filhas na Imaculada Conceição como único recurso para não vê-las completamente ignorantes e pervertidas.” (CAMINHA, 2001, p. 21-22)

Neste trecho, o personagem utilizou-se de adjetivos e comparações para desqualificar as escolas da época. A crítica refere-se tanto aos colégios internos quanto à Escola Normal. Critica o primeiro por não ser devoto e nem acreditar em santos e padres, também não acreditava que lá dentro fosse uma santidade, na opinião dele seria um “coito de patifaria” (CAMINHA, 2001, p. 21). Já a escola normal, dizia ele que não repassava uma boa educação, o ensino era carente, tornando os alunos leigos e depravados. Ele queria que as escolas do Ceará fossem



como as da Europa, a qual preparava a mulher para ser mãe de família e dona de casa. Mas, como não eram assim, os pais colocavam suas filhas na Imaculada Conceição.

“Porque João da Mata dizia-se pensador livre; não acreditava em santos, e maldizia os padres. Jesus, na sua opinião, era uma espécie de mito, uma como legenda mística sem utilidade prática.

(...)

Queria a educação como nos colégios da Europa, segundo vira em certo pedagogo, onde as meninas desenvolvem-se física e moralmente como a rapaziada de calças, com uma rapidez admirável, tornando-se por fim excelentes mães de família, perfeitas donas-de-casa, sem a intervenção inquisitorial da Irmã de Caridade.” (Caminha, 2001. p. 21).”

“Os padres são fisicamente (e sublinhava a palavra), anatomicamente, fisiologicamente homens como os outros: têm coração, órgãos sexuais, nervos como os outros homens. Portanto, assiste-lhes o mesmíssimo direito de procriação, direito natural e até consagrado pela Escritura.” (CAMINHA, 2001, p. 22)

Além de acentuar a crítica de Caminha às escolas, por meio do personagem, o autor também mostra que a sociedade e as pessoas ainda possuem uma mentalidade atrasada, mesmo apresentando atitudes progressivas. Como nos trechos acima, os quais apresentam a visão liberal de João da Mata em relação aos padres, defendendo o celibato; mas, apresenta a concepção de que a mulher deve ser educada e preparada para o casamento.

O naturalismo é uma estética estendida do Realismo, entretanto, ambos prezam pela descrição minuciosa e analisam os traços característicos de seus personagens. Uma das diferenças encontradas está na finalidade de cada um, pois o naturalismo estabelece uma relação coletiva. Na obra, essa relação é encontrada na personagem de Maria do Carmo, que é uma retirante nordestina, representante de todas as vítimas da seca, entretanto, ela é uma sobrevivente que conseguiu fugir desse problema.

“A fama da normalista encheu depressa toda a capital. Não se compreendia como uma simples retirante saída há pouco das Irmãs de Caridade fosse tão bem feita de corpo, tão desenvolta e insinuante.” (Caminha, 2001. p. 23)



Maria do Carmo também representa várias Marias, pois ao longo da obra, percebem-se as mudanças ocasionadas em suas atitudes. No trecho acima, é possível notar as primeiras mudanças. O narrador dá a entender que as pessoas tinham em mente que por ela ser uma retirante não ocorreriam mudanças em sua vida, que ela continuaria “magrinha, com uma cor esbranquiçada e mórbida de cera velha, o olhar macilento” (CAMINHA, 2001, p. 20), mas surpreendeu a todos, causando comentários pela cidade. Mais um vestígio de que a sociedade fortalezense ainda era atrasada com um pensamento fechado e não apresentava inovações, pois a transformação de uma moça causou tamanho tumulto.

Além das mudanças físicas, Maria apresentou mudanças de comportamento. Antes, quando estudante da Imaculada Conceição era tímida, calada, sozinha; Já aluna da escola normal, fez amizades com as normalistas, uma em especial, Lídia. Ao contrário de Maria do Carmo, a amiga tinha conhecimentos sobre a vida, era esperta e bastante namoradeira, sempre inteirada pelos assuntos que circulavam na cidade. Ela e Maria eram confidentes.

“Nessas confabulações íntimas com a amiga, Maria, que começava a compreender a vida tal como ela é na sociedade, fingia-se ingênua, tolinha, expediente que usava sempre que desejava saber a opinião da Lídia sobre isto ou sobre aquilo.” (Caminha, 2001. p. 42)

Com essas influências, a protagonista mudou suas atitudes, deixando de ser tímida e desligada, passando a prestar atenção em todos os assuntos que a circundavam. As mudanças de conduta ocorrem a partir de uma motivação para conseguir algo que deseja. Depreende-se ao longo da história que a mudança de Maria foi influenciada pelo meio em que passou a conviver, – o que é uma característica naturalista, comprovada a partir pelos estudos da teoria determinista de Taine (1825-2893) - ou seja, a escola normal; e, a amizade com Lídia, a qual fez com que ela passasse a agir como uma mulher que possui instintos e desejos; o sentimento por Zuza, o qual a leva, por meio dos romances, idealizar um bom casamento.

Devido os ciúmes de João da Mata com Maria do Carmo e Zuza, ele descobriu uma carta que ela recebeu do rapaz, proibindo o encontro dos dois em sua casa. Entretanto, eles passam a encontrar-se em lugares públicos, mas por ser uma cidade pequena, onde todos falam sobre tudo e veem tudo, o pai do moço não aceita o namoro, por ela ser de uma classe inferior a dele, e manda-o para Recife a fim de terminar os estudos. Maria ficou inconsolável pela perda do amado, e João da Mata aproveita-se da fragilidade da afilhada, arquiteta um plano para seduzi-la.



“Entretanto Maria não dava palavra, com as pálpebras pesadas de sono, respirando a custo, numa espécie de inconsciência muda, como hipnotizada. Este estado porém durou pouco; espreguiçou-se, repuxando o lençol para se cobrir melhor; e começou a achar certo encanto naquela intimidade secreta, ombro a ombro com o padrinho. Seu instinto de mulher nova acordara agora obscurecendo-lhe todas as outras faculdades, ao cheiro almiscarado que transudava dos sovacos de João da Mata.” (CAMINHA, 2001, p. 184)

“Sem o saber, João da Mata encontrou a afilhada numa dessas extraordinárias predisposições de corpo e alma, em que, por mais forte que seja, a mulher não tem forças para resistir às seduções de um homem astuto e audacioso. Conhecia suficientemente o gênio de Maria nada mais, e isto lhe bastava para que a vitória fosse certa, infalível.” (CAMINHA, 2001, p. 186).

Depois de tantas tentativas de João da Mata, Maria acabou cedendo à vontade dele. Entretanto, não foi algo tão difícil assim, pois a moça já desolada por causa de Zuza e das idealizações que tinha criado para com o rapaz, sentiu-se atraída pelo padrinho no momento. O seu instinto feminino foi mais forte e fez com que ela, que já estava confusa com toda a situação, ficasse vulnerável, permitindo a ação. Esse trecho, além de apresentar mais uma mudança na conduta de Maria; também é uma das maiores descrições naturalista da obra, na qual é possível perceber mais um exemplo da teoria determinista.

Como consequência dos acontecimentos, Maria do Carmo ficou grávida e João da Mata a levou para um local fora da cidade, pois precisava evitar escândalos e, principalmente, que as pessoas descubram o que aconteceu. Por ser uma sociedade pequena, preconceituosa, a aparência para o bom convívio é um dos fatores mais importantes. A criança morre. Maria retorna aos seus estudos na escola Normal e fica noiva do alferes da polícia e “via diante de si um futuro largo, imensamente luminoso, como um grande mar tranquilo e dormente.” (CAMINHA, 2001, p.273).

“Meses depois, quando Maria do Carmo apresentou-se na Escola Normal para concluir o curso interrompido, estava nédua e desenvolta, muito corada, com uma estranha chama de felicidade no olhar. A sua presença foi como uma ressurreição. — A Maria do Carmo, hein?! Nem



parecia a mesma! Houve um alarido entre as normalistas: abraços, beijos, cochichos... Até o edifício tinha-se pintado de novo como para recebê-la!” (CAMINHA, 2001, p. 271-272).

Apesar dos acontecimentos na vida de Maria do Carmo nos últimos meses, ela precisava voltar como se nada tivesse acontecido, como se tivesse ressuscitado, voltado como uma nova pessoa. Sem ninguém precisar saber, somente admirá-la e notar tais mudanças. Até porque, não seria convincente para o autor que ela sumisse e voltasse com uma aparência mórbida, como estava após o parto. Caminha quis mostrar o que exige uma sociedade mascarada, onde a boa imagem é mais importante antes de qualquer coisa. E o autor, relaciona tal ironia com a proclamação da República. O sistema político do país estava prestes a mudar, com isso, a cidade pintou as escolas, dividiu as disciplinas e modificou vários fatores no âmbito escolar, para mostrar que o progresso era algo constante nesta província.

## V. Considerações Finais

Para analisar obras literárias, não há relevância relacionar a obra com a vida do autor, entretanto, para entender a história em questão é essencial conhecer a biografia de Adolfo Caminha. Essa obra é uma espécie de revanche à sociedade de Fortaleza, por conta das incompreensões e embaraços sofridos pelo autor em sua vida pessoal. Nesse texto tal indignação é representada por meio das deformidades encontradas nos traços de seus personagens. O autor encontra-se na estética naturalista, justamente, por demonstrar de forma clara e direta suas intenções. Caso o estilo literário fosse o de outras épocas, como por exemplo, o Classicismo ou o Romantismo, as intenções do autor não poderiam ser vistas da mesma forma, ressalta Azevedo (1999). O autor ainda complementa “O naturalismo veio bem a calhar para o escritor cearense, que pôde expor um tanto impiedosamente, pintando-a com todas as tintas as mazelas morais daquela sociedade.” (p. 35).

Na obra *A Normalista* o foco encontra-se na busca de progresso por parte dos personagens. O autor utiliza Maria do Carmo para ir construindo essa ideia, apresenta a história da personagem e ao longo da narrativa vai mostrando as alterações que Maria sofre em sua vida, em seu comportamento e em seu corpo. Além disso, Caminha mostra a dificuldade que a personagem enfrenta para manter de forma lógica seus princípios de progresso; tal obstáculo deve-se ao fato da personagem viver em uma cidade provinciana, onde os valores são pregados



por meio da vida que cada um aparenta ter. Portanto, Adolfo Caminha não é um mero narrador que observa os fatos, ele é quem avalia os acontecimentos e dita os valores e, por meio disso, é possível perceber seu posicionamento à modernização ocorrida em Fortaleza no século XIX, apesar de que no fim, ele apresenta esperança de que a cidade irá melhorar, por ser defensor da República.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Sânzio. **Introdução crítica: Dois livros raros de Adolfo Caminha.** [http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao\\_Dolor\\_Barreira/Tentacao/ACL\\_Tentacao\\_04\\_INTRODUCAO\\_CRITICA\\_DOIS\\_LIVROS\\_RAROS\\_DE\\_ADOLFO\\_CAMINHA\\_Sanzio\\_de\\_Azevedo.pdf](http://www.academiacearensedeletas.org.br/revista/Colecao_Dolor_Barreira/Tentacao/ACL_Tentacao_04_INTRODUCAO_CRITICA_DOIS_LIVROS_RAROS_DE_ADOLFO_CAMINHA_Sanzio_de_Azevedo.pdf). Acessado em: 26/08//2016.

CAMINHA, Adolfo. **A Normalista.** Fonte digital: www.bn.br, 2001. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/normalista.pdf>. Acessado em: 13/04/2016

b

CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira.** 5. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1974.

CASSAVIA, Gilberta M. L. **O ensino da Literatura no Brasil: Um histórico.** - Unicamp, 1981.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil.** Parte II / Estilos de época. 7º ver. ed. Atual. – São Paulo: Global, 2004.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira.** Volume II: Realismo e Simbolismo. 4º ed. – São Paulo: Cultrix, 2001.